

A IDENTIDADE E SEUS REFLEXOS NA PRÁTICA DE PROFESSORES/AS DE LÍNGUAS

IDENTITY AND ITS IMPACTS ON LANGUAGE TEACHERS' PRACTICE

Celine Aparecida de Matos*

RESUMO: Atualmente tudo em nossa sociedade tem caráter efêmero. Estamos passando pelo período denominado por alguns estudiosos (HALL, 2002; BAUMAN, 2005) de “pós- modernidade” e uma de suas características é a descentralização do sujeito e o caráter líquido de sua identidade. Isso significa que não temos apenas uma identidade, mas, várias, muitas vezes conflitantes entre si, (re)construídas através da interação e negociadas de acordo com as exigências dos diversos papéis sociais que assumimos em diferentes momentos. Como a escola é um espaço que possibilita interação constante, vemos que ela exerce papel importante na composição dessas identidades e que o professor é um dos principais agentes nesse processo. Este trabalho traz contribuições de diversas pesquisas sobre identidades de raça, etnia, gênero e sexualidade no contexto escolar a partir das quais pudemos perceber a importância de o professor refletir sobre si mesmo para poder contribuir positivamente para a (re)construção de identidades.

PALAVRAS- CHAVE: Identidade; Formação de professores; Aula de língua.

ABSTRACT: Everything is ephemeral in our society nowadays. The advancement of technology has been changing the way we interact at all levels. We are living in a period called postmodernity by some scholars (HALL, 2002; BAUMAN, 2005) and one of its features is, according to the same scholars, the decentralization of the subject and the liquid character of their identity. That means that we do not have only one identity, but rather several which are often conflicting, (re) constructed through interaction and negotiated according to the requirements of the various roles we assume at different moments. As the school is a place that provides constant interactions, we see that it plays an important role to the composition of these identities and that the teacher is one of the main agents in this process. This paper presents contributions many researches about identities of race, ethnicity, gender and sexuality in the school context from which we could realize the importance of teachers reflecting about themselves to be able to contribute positively for the (re)building of identities.

KEYWORDS: Identity, Teacher Education; Language class.

* Mestranda em Linguagem, Identidade e Subjetividade pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.
E-mail: celine-matos@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O ambiente escolar é onde as pessoas, em geral, passam grande parte de sua vida. É uma das primeiras instituições através da qual estabelecemos contato com o mundo e estendemos nossa existência para além das relações familiares. E é aí que passamos a nos enxergar como sujeitos, como seres atuantes no mundo, por isso as relações escolares são importantes na formação de cidadãos. Assim sendo, entende-se a necessidade de refletir sobre os discursos que permeiam as atividades escolares em geral e, principalmente, a urgência de os professores/as, como principais agentes escolares, refletirem sobre suas visões de mundo e sobre a forma como eles enxergam a si próprios, pois, conforme Moita Lopes (2002) referindo-se ao contexto escolar,

pode-se argumentar que as práticas discursivas nesse contexto desempenham um papel importante no desenvolvimento de sua conscientização sobre suas identidades e a dos outros. Além disso, tendo-se em mente o fato de que as escolas são, em última análise, instituições socialmente justificáveis como espaços de construção de conhecimento/ aprendizagem, pode-se argumentar que os significados gerados em sala de aula têm mais crédito social do que em outros contextos, particularmente devido ao papel de autoridade que os professores desempenham na construção do significado. (MOITA LOPES, 2002, p. 37 e 38)

Estamos então trabalhando com a ideia de que o discurso escolar tem papel

importante no processo de conscientização de identidades. Dessa forma, precisamos delinear nosso entendimento sobre identidade, que é um conceito bastante discutido atualmente. Hall (2002) nos traz em “A identidade cultural na pós-modernidade” um panorama de como as concepções de identidade vêm mudando ao longo do tempo. Ao nos situar como sujeitos pós-modernos, ele diz que nós não temos uma identidade “fixa, essencial e permanente” (p.12). Dessa forma, podemos superar a ideia de que a identidade é estável e imutável, pois,

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2002, p.13)

É essencial que os professores/as tenham a consciência dessa característica instável da identidade para que possam refletir sobre si próprios e sobre a forma como atuam em sala de aula e o impacto de seus discursos. Pretendemos aqui aprofundar o entendimento sobre essa necessidade de reflexão e percebermos de que formas, positivas ou até mesmo negativas o professor pode atuar na construção da identidade de seus alunos.

Nosso objetivo é perceber qual é o papel dos professores/as na empreitada pela desconstrução de discursos hegemônicos, prática em voga atualmente por conta dos diversos estudos sobre identidade

e preconceito. Procuraremos perceber também qual é a importância da reflexão do professor sobre identidade e como essa reflexão interfere em sua prática pedagógica.

Para isso, iniciaremos o artigo com um breve referencial teórico que nos ajudará a entender alguns conceitos importantes para o desenvolvimento de nossa discussão. Na segunda seção de nosso artigo trataremos das identidades sociais de raça, etnia, gênero e sexualidade, tendo como referencial as pesquisas contidas do livro de Ferreira (2012). A última seção do artigo traz nossas considerações finais sobre o que foi tratado.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para embasar nossas discussões neste trabalho, consideramos alguns teóricos que discutem a questão da identidade e a forma como ela interfere em nossas ações, lembrando que o nosso foco é discutir sobre essa influência na prática pedagógica de professores/as de línguas.

Para entendermos o que é a identidade, baseamo-nos nas contribuições trazidas por Hall (2002), principalmente na sua concepção do sujeito pós-moderno aquele que não tem uma identidade fixa, mas sim várias identidades que estão em constante movimento. Essa noção é de extrema importância para a reflexão de nós, professores/as, visto que assim como nós, nossos alunos são sujeitos pós-modernos e devem ser enxergados dessa forma no ambiente escolar. O teórico nos explica também o fenômeno atualmente chamado de “crise de identidade”:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento—descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos—constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (HALL, 2002, p.09)

Podemos então facilmente perceber que hoje presenciamos um abalo em tudo o que antes nos parecia fixo. As questões que envolvem as identidades sociais de gênero, etnia, raça e sexualidade devem receber uma atenção especial dos agentes da educação. A sociedade em geral está cheia de preconceitos e discursos discriminatórios contra as minorias e a escola tem o poder de combater tais práticas ou também de reiterá-las, caso tais questões não sejam devidamente refletidas. Aí vemos a importância de a formação inicial dos professores/as englobar discussões sobre essas questões. Se nós não temos uma identidade fixa e se ela está em constante mudança, cada reflexão que fazemos, nos leva a enxergar de maneira diferente aquilo que antes nos parecia cristalizado. É necessário discutir tais questões com os

professores/as em formação e também com os professores/as que já estão há algum tempo em serviço, para que continuem em constante revisão de suas concepções e aprimoramento de sua prática pedagógica, não apenas com relação ao conhecimento acadêmico, mas principalmente com a reflexão sobre sua visão de mundo. Vê-se aí a importância da formação continuada.

Trazemos também as reflexões de Zygmunt Bauman (2005) em sua entrevista a Benedetto Vecchi na qual ele explora a questão da identidade, que a seu ver tem um caráter “líquido”, bem como tudo o que diz respeito à modernidade em que vivemos. Diz ele que

as identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. (BAUMAN, 2005, p.19).

Parece-nos claro então que a identidade não é fixa e que se (re) constrói no convívio social, na interação. Se a escola proporciona essa interação seu papel é quase central na construção e reconstrução dessas identidades. Nós entendemos quem nós somos a partir daquilo que não somos, ou seja, a relação com o outro, com o diferente, é essencial para (re) construirmos nossa identidade, pois como diz Silva (2000), “A identidade é assim, marcada pela diferença.” Se todos somos diferentes, isso é algo que deve nos unir. As diferenças, entretanto, são geralmente tidas como desviantes, o que gera vários problemas principalmente para as minorias, como ressalta Ribeiro (2012) em seu artigo:

A alteridade me fornece a medida do que não sou, dando-me contornos de identidade, de modo que preciso do *não-eu* para saber quem sou. Entretanto, quando a diferença é negada por não corresponder às referências identitárias hegemônicas, o que seria diferença, transforma-se em desigualdade, exclusão e dominação. (RIBEIRO, 2012, p. 143)

É no combate à “exclusão e dominação” que as reflexões dos professores/as tendem a contribuir. Ferreira (2012) salienta, com base nos documentos oficiais sobre a educação, que é importante discutir as identidades sociais no ensino de língua inglesa, para o qual ela utiliza a sigla ILE. A autora nos mostra ainda como é vaga essa discussão na formação dos professores/as, que são preparados para atuar num universo idealizado, diferente daquele que na realidade compõe as escolas: “Os cursos de formação de professores/as preparam-nos/as para trabalhar com alunos brancos, classe média, classe média alta e sem problemas sociais.” (p.25). Dessa forma, os professores/as se surpreendem ao se depararem com as dificuldades que estão dentro dos muros da escola. Em seu artigo a autora mostra os resultados de pesquisas com professores/as ensinando sobre raça/etnia, sobre o que ela explicita seu entendimento: “Entendo raça como social, histórica e culturalmente construída. E etnia refere-se a grupos que dividem a mesma identidade cultural, como língua, religião e história, por exemplo.” (p.24). Veremos então algumas pesquisas sobre a importância de se refletir sobre as diferenças em sala de aula.

IDENTIDADES SOCIAIS DE RAÇA, ETNIA,
GÊNERO E SEXUALIDADE

O livro de Ferreira (2012) reúne diversos trabalhos de pesquisadores que trataram de identidades sociais. Azevedo (2012) defendeu sua dissertação de mestrado tratando sobre a questão de raça em sala de aula e ela diz que em

um país que não se afirma racista, e que insiste em se denominar uma “democracia racial”, os tempos atuais podem ser um momento privilegiado para a problematização dos mecanismos de controle e para a circulação dos corpos negros. (AZEVEDO apud FERREIRA, 2012, p.53)

Ela ainda afirma que outras minorias, como os movimentos LGBTs devem reivindicar seu espaço. Sua investigação foi orientada por perguntas que buscavam entender como os participantes da pesquisa percebiam e tratavam a questão racial. Como um dos resultados, ela percebeu que os professores/as devem realmente refletir sobre essas questões e sobre o peso que sua prática tem na construção de identidades sociais, a fim de que seus esforços para a desconstrução das injustiças e dos discursos discriminatórios tenham o efeito desejado. Focando o ensino de língua inglesa, ela destaca a importância dessa disciplina na luta contra os preconceitos. Ela traz as contribuições de Blackburn e Clark (2007) para mostrar que a aula de língua inglesa deve constituir um “espaço de resistência que contribua para a mudança social, estabelecendo relações entre o global e o local.” (AZEVEDO, 2012, p.59).

Percebemos que embora o Brasil seja um país no qual se considera haver uma “democracia racial”, as práticas pedagógicas irrefletidas, bem como os discursos que permeiam as diversas esferas sociais acabam por reiterar os discursos racistas e discriminatórios, relegando aos negros e às minorias étnicas um papel subalterno e desumano. Por isso a necessidade de o professor, como agente bastante influente na construção da identidade dos alunos, refletir sobre suas crenças e suas atitudes em sala de aula para que possa agir e levar os alunos a agirem contra as desigualdades que permeiam as relações interpessoais em nossa sociedade.

A ideia é praticarmos uma educação antirracista e é para isso que as reflexões aqui trazidas caminham. Entretanto, a forma como trabalhamos e como expressamos nossa identidade muitas vezes acaba reforçando estereótipos e discriminações há tempos presentes em diversas esferas da sociedade. Ferreira (2012) pesquisou a prática pedagógica dos professores/as ao trabalharem com essas questões para perceber a forma como utilizam os materiais de que dispõem e como o método de ensino se desenvolve. A partir dos relatos de sua pesquisa, percebemos que muitas vezes os professores/as tentam incitar os alunos a discutirem sobre questões étnicas e raciais, sem, no entanto, estarem eles próprios preparados para isso. Muitas vezes, ao tentar dar visibilidade aos grupos menores, a fala dos professores/as acaba legitimando a força dos grupos dominantes. A autora traz a contribuição de Gilborn

(1995) ao considerar esse efeito reverso que a prática antirracista pode gerar se não for bem refletida:

[...] não importa o quão bem intencionada, pode atrapalhar e alienar os estudantes menos favorecidos socialmente, servindo para reforçar (em vez de desconstruir) estereótipos raciais existentes e conflitos. (GILLBORN, 1995, p.139 apud FERREIRA, 2012, p. 37).

Percebemos assim que embora a intenção do professor seja boa, para que sua prática obtenha bons resultados é necessária uma boa preparação, caso contrário seus esforços acabarão por gerar ainda mais preconceitos, tendo assim um efeito diferente do desejado.

A questão de gênero também tem sido tema de diversas discussões no que se refere às práticas escolares. O discurso sexista que regia a sociedade brasileira antigamente vem sendo pouco a pouco superado, visto a maior participação social da mulher, tida antigamente como submissa ao homem e incapaz de escrever sua própria história. Isso começou a caminhar para a mudança a partir das ações do movimento feminista no Brasil que começa a ter destaque na década de 1930, mas que ganha mais força nas décadas de 1970 e 1980 com a influência do feminismo estadunidense, como mostra Giesel (2012) em seu artigo sobre gênero em sala de aula. Para falar sobre as contribuições do movimento feminista brasileiro ela traz as palavras de Hall (1997), dizendo que o movimento:

[...] enfatizou, como uma questão política e social, o tema da forma como somos formados e produzidos como

sujeitos generificados. Isto é, ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas)... aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres, expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero. (HALL, 1997, p.40 apud GIESEL, 2012, p. 103)

A autora reflete que embora os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) incluam a questão de gênero entre suas temáticas, ela é pouco trabalhada na sala de aula de língua estrangeira. Ela destaca também a importância de o material didático ter relevância no contexto social em que o aluno está inserido e a capacidade de o professor perceber os discursos que rodeiam os estudantes. É necessário tornar as discussões mais próximas da realidade do aluno brasileiro e não de um idealizado aluno global a quem geralmente se destinam os materiais didáticos de língua estrangeira, que muitas vezes constituem o único material utilizado pelos professores/as. Ela diz ser necessário “que o professor de língua estrangeira se muna de um referencial teórico mais politizado para discutir a questão de gênero na sala de aula.” (p. 117).

Outra identidade social que muitas vezes é deixada de lado nas discussões escolares é a sexualidade. Passamos por um momento propício para a reflexão das diferentes sexualidades que nos rodeiam, já que o tema tem recebido maior visibilidade, por exemplo, na mídia. Entretanto, na escola e nos materiais didáticos as discussões sobre o tema são poucas. Tilio (2012) fez uma extensa pesquisa sobre a forma como o tema

é abordado nos livros didáticos de língua estrangeira e percebeu que a sexualidade é tratada de maneira naturalizada. Ele ainda cita uma lista conhecida como “PARSNIP: política, álcool, religião, sexo, narcóticos, -ismos e favorecimentos.” (GRAY, 2002; THORNBURY, 2005 apud TILIO, 2012). Isso mostra que questões que fazem parte da vida de todos e que se não esclarecidas podem gerar (e geram) diversos preconceitos, são eliminadas do contexto escolar.

Freitas e Pessoa (2012) iniciam seu artigo sobre gênero, sexualidade e formação de professores/as com uma citação de Guacira Lopes Louro (2008):

As possibilidades de viver os gêneros e a sexualidade ampliaram-se. As certezas acabaram. Tudo isso pode ser fascinante, rico e também desestabilizador. Mas não há como escapar a esse desafio. O único modo de lidar com a contemporaneidade é, precisamente, não se recusar a vivê-la. (LOURO, 2008 apud FREITAS; PESSOA, 2012, p.145)

Essa citação resume bem o que presenciemos atualmente, pois, como já dito, as identidades hoje são entendidas como efêmeras e em constante processo de reconstrução. O professor não pode fechar os olhos para as diferentes identidades sexuais com as quais se depara em sua prática pedagógica, pois dessa forma estará perpetuando os discursos hegemônicos que nos rodeiam e que relegam grandes grupos à subalternidade, exclusão e sofrimento. Os autores trazem as palavras de Louro (2007) sobre o papel da escola na luta contra o preconceito e discriminação:

A escola é um contexto no qual as diferenças são produzidas e reiteradas, e por isso afirma que devemos encará-la como um espaço de transformação das diversas formas de desprezo e afastamento, de preconceito e discriminação. Isso significa que, como professores/as, devemos nos valer de pedagogias que problematizem o sofrimento e a exclusão das pessoas que estão às margens, de modo que elas possam não apenas falar em sala de aula, mas também interferir no currículo para diminuir as relações de poder que legitimam a sua constante subalternização. (LOURO, 2007 apud FREITAS; PESSOA, 2012, p.148 e 149)

A pesquisa de Freitas e Pessoa (2012) mostrou que alguns professores/as se sentem incomodados em trabalhar os temas gênero e sexualidade por receio de que isso gere mais problemas para, por exemplo, um aluno que se revele homossexual. Uma professora participante da pesquisa disse que para trabalhar esses temas é preciso ter “jogo de cintura” (p.157). Realmente é necessário que o professor esteja muito bem preparado para propor tais discussões e essa preparação deve ser proporcionada na formação inicial bem como na formação continuada através de leituras, reflexões e discussões. O que não deve acontecer é o professor fugir dessas temáticas como se não houvesse meios de trabalhá-las.

Se o professor presenciar comportamentos discriminatórios, seja contra raça, etnia, gênero ou sexualidade, ele deve estar preparado para enfrentá-los e não se calar diante da situação, pois isso

pode abrir espaço para a perpetuação da violência contra as minorias. É necessário também que o professor repense suas ideias e supere seus próprios preconceitos porque eles são parte de nossa identidade e, como estamos tentando explicitar, ela se reflete em toda a nossa prática pedagógica, pois todas as nossas ações são permeadas por nossas crenças. Se queremos uma educação democrática, precisamos agir democraticamente e lutar para acabar com o sofrimento das minorias.

Os autores concluem que se concebêsemos

o ensino de línguas estrangeiras e a formação de professores/as como duas atividades políticas e performativas, esse tipo de formação contribuiria para desconstruir, entre outros, as desigualdades de gênero e o preconceito contra sexualidades não hegemônicas. (FREITAS; PESSOA, 2012, p.162)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propusemo-nos a perceber qual é o papel dos professores/as na desconstrução de discursos hegemônicos e a importância da reflexão do professor sobre identidade e sua interferência em sua prática pedagógica. Com base nas discussões aqui trazidas, concluímos que a mudança na forma de entender nossa identidade é a chave para que possamos repensar nosso papel como professores/as. A sociedade foi desde sempre regida por hegemonias e rodeada de preconceitos e exclusões e é contra isso que devemos lutar. As identidades são

(re) construídas constantemente com a interação e a escola precisa assumir seu importante papel na formação de cidadãos tolerantes com as diferenças e livres de preconceitos.

Conseguimos perceber então que os professores/as têm a oportunidade de agir diretamente na luta contra a perpetuação de discriminações que geram sofrimento a tantas pessoas, que fazem parte de alguma minoria. Destacamos aqui que utilizamos o termo “minorias” para nos referirmos aos grupos que estão de alguma forma excluídos, seja por questões de raça, etnia, gênero ou sexualidade. Entretanto, diferentemente do que a palavra sugere, eles não são poucos. Ao contrário, eles são muitos e esses grupos “minoritários” crescem cada dia mais, assim como a intolerância e o preconceito para com eles. É a partir dessa noção que os professores/as precisam refletir sobre sua responsabilidade como formadores de cidadãos conscientes.

Pudemos concluir também a extrema necessidade de os professores/as estarem em constante reflexão sobre sua identidade para que possam se conscientizar sobre o poder que seu discurso e sua prática exercem sobre uma infinidade de identidades com as quais eles entram em contato. A partir dessa reflexão esse poder será utilizado para diminuir alguns dos problemas que presenciamos constantemente na sociedade. O repensar dos professores/as sobre sua identidade se reflete na prática pedagógica e os ajuda a agir em prol da diminuição dos preconceitos e da intolerância com o diferente.

É de extrema importância não preconizar a antiga (e errônea) ideia de que somos todos iguais. Nós nunca fomos nem seremos iguais e é preciso perceber isso. Não podemos fechar os olhos para a diferença na tentativa de enxergar as pessoas como objetos produzidos em série, como se houvesse um molde e aqueles que não seguissem o padrão fossem defeituosos e precisassem ser excluídos. Abrindo os olhos para as questões aqui tratadas, dá-se um importante passo na luta para o reconhecimento e aceitação das diferenças. Espera-se assim que a diversidade seja aquilo que nos une e não o que exclui e maltrata.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A. da S. A sala de aula de língua estrangeira como fórum de discussão sobre as identidades de raça: compartilhando uma experiência intervencionista. In: FERREIRA, A. de J. (Org.). **Identidades sociais de raça, etnia, gênero e sexualidade: práticas pedagógicas em sala de aula de línguas e formação de professores/as**. Campinas: Pontes, 2012, p. 51-76.
- BAUMAN, Zigmunt. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- FERREIRA, A. de J. (Org.). **Identidades sociais de raça, etnia, gênero e sexualidade: práticas pedagógicas em sala de aula de línguas e formação de professores/as**. Campinas: Pontes, 2012, p. 19-50.
- FREITAS, M. T. de U.; PESSOA, R. R. Gênero, sexualidade e ensino crítico de línguas estrangeiras: Intersecções com a formação de professores/as. In: FERREIRA, A. de J. (Org.). **Identidades sociais de raça, etnia, gênero e sexualidade: práticas pedagógicas em sala de aula de línguas e formação de professores/as**. Campinas: Pontes, 2012, p. 145-165.
- GIESEL, C. C. M. Uma Abordagem Sociointeracionista Humanizadora Para O Ensino de Línguas Estrangeiras: Gênero na Sala de Aula. In: FERREIRA, A. de J. (Org.). **Identidades sociais de raça, etnia, gênero e sexualidade: práticas pedagógicas em sala de aula de línguas e formação de professores/as**. Campinas: Pontes, 2012, p. 101-120.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- MOITA LOPES, L. P. **Identidades Fragmentadas: A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas: SP: Mercado de Letras. 2002.
- RIBEIRO, N. B. Formação de professores: leitura e construção de identidade. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.15, n.1, p. 139-158, jan./jun. 2012.
- TILIO, R.. A construção social de gênero e sexualidade em livros didáticos de inglês: Que vozes circulam?" In: FERREIRA, A. de J. (Org.) **Identidades sociais de raça, etnia, gênero e sexualidade: práticas pedagógicas em sala de aula de línguas e formação de professores/as**. Campinas: Pontes, 2012. p. 121-143.
- SILVA, T. T. da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

Recebido para publicação em 30 de jul 2013

Aceito para publicação em 4 de abr. de 2014